

O POETA E O LIVRO,
“NA SUA FRÁGIL ESTRUTURA TRANSPARENTE”¹

Regina Zilberman (PUCRS)

Livraria, lugar de danação, *lugar de descoberta*. Um dia, quando? Vou entrar naquela casa, vou comprar um livro mais terrível que o de Almáquio e nele me perder – e me encontrar.

Carlos Drummond de Andrade²

Viola de bolso é uma obra hoje cinquentona, lançada que foi em primeira edição em 1952, com o patrocínio do Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Saúde, órgão onde Carlos Drummond de Andrade trabalhava desde os anos 30. A segunda edição data de 1955 e chama-se *Viola de bolso novamente encordoad*, quase triplicando as 42 páginas originais. O impressor é agora José Olympio, que, desde 1942, vinha publicando os livros de poemas de Drummond: lançou, em 1942, *Poesias*, contendo os anteriores *Alguma poesia*, *Brejo das almas*, *Sentimento do mundo*, *José*; em 1945, *A rosa do povo*; em 1948, *Poesia aí agora*, contendo *Alguma poesia*, *Brejo das almas*, *Sentimento do mundo*, *José*, *A rosa do povo*, *Novos poemas*; e, em 1951, *Claro enigma*.

Coincidência ou não, é na nova versão de *Viola de bolso* que aparece o poema abaixo, dedicado a José Olympio, seu editor então há mais de dez anos:

Que coisa é o livro? Que contém na sua
frágil estrutura transparente?
São palavras apenas, ou é a nua
exposição de uma alma confidente?

¹ Joice de Souza Ferreira e Judis Blacher colaboraram na identificação do material de análise.

² ANDRADE, Carlos Drummond de. “Livraria Alves”. In: _____. *Boitempo. Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2002. p. 1096.

De que lenho brotou? Que nobre instinto
da prensa fez surgir essa obra de arte
que vive junto a nós, sente o que eu sinto
e vai clareando o mundo em toda parte?

Meu caro José Olympio, sê louvado
pelos livros que o tempo vai guardando,
nascidos de teu sonho no passado,
pois cada livro ao tempo irá lembrando
o que a vida de um homem pode ser
quando ele sabe amar e compreender.³

Em *Fala, amendoeira*, de 1957, Drummond inclui uma crônica igualmente dedicada a José Olympio, não o editor, mas o livreiro, proprietário do local que abrigava escritores e “*respirava ares ilustres*.”⁴ Não que o ambiente não afetasse os criadores literários, já que a frequência à livraria e a convivência reforçavam a auto-estima dos *habitués*:

Mesmo tendo o hábito de percorrer livrarias, era naquela que o escritor pousava para confrontar suas idéias com as dos confrades, para se sentir, não um consumidor de livros, mas um ser caracterizado e participante, às voltas com as dúvidas e as complicações inerentes à sua natureza imaginativa e hipersensível, e desejoso de apoio e comunicação. (p. 51)

Drummond registra igualmente o caráter inovador da editora que compartilhava o nome da livraria, decorrente dos autores que oferecia ao mercado e do projeto gráfico que sustentava a impressão dos livros:

Era também uma editora revolucionária, que lançava com ímpeto nomes conhecidos de pouca gente ou de ninguém.

³ ANDRADE, Carlos Drummond de. “A José Olympio”. In: _____. *Viola de bolso novamente encordada*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955. p. 59. Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. “A José Olympio”. In: _____. *Viola de bolso I. Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2002. p. 330-331.

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. “A casa”. In: _____. *Fala, amendoeira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. p. 50.

Apresentava um livro diferente e elegante, formato padronizado, capa desenhada por Santa Rosa [...], e o aspecto gráfico e o prestígio da casa acendiam nos escritores o desejo de figurar em seu catálogo. (p. 51)

Por último, o cronista destaca os valores pessoais de seu editor, identificado agora pelas iniciais de seu nome:

J. O. logo se revelou excelente praça, pois não editava apenas, ficava querendo bem aos editados, interessava-se por eles junto a quem de direito, ajudava-os em silêncio, criava em torno da materialidade das relações profissionais uma coisa abstrata mas imperante, a que ele chamou a casa. (p. 52)

O fechamento da crônica sumaria a idéia contida do parágrafo citado: da materialidade das relações passa-se a uma entidade mais abstrata, marcada por suas qualidades espirituais e atemporalidade: “De modo que aquilo era uma loja de livros, à primeira vista; mas tinha alma. A casa continua.” (p. 52)

Outro poema de *Viola de bolso* em sua segunda edição, a de 1955, igualmente refere-se à personalidade ligada ao mundo dos livros: Carlos Ribeiro, proprietário, nos anos 50, da Livraria São José, que, então situada nessa rua, constituía um dos sebos mais prestigiados do Rio de Janeiro e, na época, editora de ensaios literários (de que dão exemplo *Camões, o bruxo e outros estudos*, de Augusto Meyer, de 1958, e *Cobra Norato*, o poema e o mito, de Othon Moacyr Garcia, de 1962).

Escreve Drummond em “A Carlos Ribeiro”:

Que desejo ao grande livreiro
meu amigo Carlos Ribeiro?
Que entre livros e amigos viva
uma existência sempre ativa;
e sua vida seja como
um delicado e nobre tomo
(quem ama assim seu ofício
insculpe o melhor frontispício);
e não haja o menor desgosto
manchando a página de rosto;

e que tenha como prefácio
 um verso de Pope ou de Horácio;
 que no fim de cada capítulo
 sorria sempre um novo título
 (não protestado!) de esperança
 em tudo que o trabalho alcança;
 da primeira à segunda parte,
 tudo obedeça às regras da arte;
 e que esse livro continue
 como a obra completa de Ruy.
 por muitos e ditosos anos,
 queira assim Deus em seus arcanos.
 Que portanto o grande livreiro
 meu amigo Carlos Ribeiro
 na São José viva tranqüilo,
 entre uma 'princeps' de Camilo
 e tratados de Auguste Comte,
 enquanto fulge no horizonte
 aquela estrela benfazeja
 dos buquinistas. Assim seja.⁵

Carlos Ribeiro não figura apenas nesse poema de homenagem. No já mencionado *Fala, amendoeira*, de 1957, encontra-se a crônica "Nobre Rua São José", em que o autor historia a trajetória dessa via pública. Originalmente fora local de livrarias, como a Quaresma e a Briguiet, e sebos notáveis, que pouco a pouco foram procurando outros bairros da cidade. O cronista adverte, contudo: "o espírito literário não desertou aquelas paragens", em razão da atividade de uma pessoa especial, "um menino, por assim dizer crescendo na Rua São José, [que] ali está hoje, homem feito, e a este não é possível demolir nem convencer de que deve negociar em política, importações ou apartamentos."⁶ Eis outra vez Carlos Ribeiro, herói nesse universo da preservação da memória dos livros:

⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. "A Carlos Ribeiro". In: _____. *Viola de bolso novamente encordada*. p. 80-81. Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. "A Carlos Ribeiro". In: _____. *Viola de bolso I. Poesia completa*. p.339-340.

⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. "Nobre Rua São José". In: _____. *Fala, amendoeira*. p. 38.

Carlos Ribeiro mantém e revigora, quase sozinho, o espírito da gloriosa Rua São José, que é uma universidade a seu modo: junto às pilhas de livros, sabedores de coisas filosofam ou pontificam; mocinhas supõem comprar romances, quando na realidade estão se provendo de noções da eterna e tenebrosa ciência de amar; (...); não faltam nem as *presses universitaires*, pois a rua edita desde manuais de macumba até estudos eruditos; e há sempre uma idéia, um projeto, um traço intelectual no ar, um traço que não quer perder-se e reage contra a burrificação geral da vida carioca. (p. 38-39)

O elogio à ação de Ribeiro mescla-se à valorização do comércio de livros de segunda mão, parte dessa universidade da leitura a que Drummond se refere, cujo *campus* situa-se na Rua São José, matéria principal da crônica. Por isso, ela é comparada a uma "praia, aonde vão dar os volumes de bibliotecas que naufragaram" (p. 39). A imagem se amplia por meio da discriminação desses destroços, aos quais o livreiro confere uma sobrevida, caracterizada pela ressurreição deles na condição de produtos com espírito próprio:

O livreiro recolhe esses destroços ["os mestres do pensamento e aquelas tímidas obrinhas de principiante "que chegam a essa praia, como naufragos] e os reanima, pondo-os de novo em circulação. Só na aparência é triste o comércio de livros usados. Realmente, ele assegura, *dans un tumulte au silence pareil*, uma vibração contínua, uma rotação infatigável aos produtos do espírito, que espírito também são, e não se sentiriam bem se agrilhoados eternamente à mesma prateleira imóvel. (p. 39)

O comércio de livros usados cumpre o papel de salvar do esquecimento a literatura e garantir não apenas sua circulação, mas também a comunicação entre as obras impressas. É o que sugere o parágrafo final da crônica, em que o narrador estabelece um vínculo muito forte entre as obras colocadas nas prateleiras de um sebo, vínculo capaz de assegurar à poesia sua sobrevivência no tempo:

O grande poeta estrangeiro oferece seu cântico ao grande poeta nacional e este, de alma doadora por natureza, a passa a um terceiro poeta, que, premido pela dura circunstância (e quem ainda não desfez ou pensou em desfazer sua biblio-

teca, num dia negro?) o lança à correnteza da Rua São José, onde um quarto poeta o resgata – por quanto tempo? Assim a poesia circula como um facho levado por mãos que a prezam, e alguma coisa, no abismo, se salvará. (p. 39-40)

O apreço conferido ao espaço do sebo leva o poeta ao “Soneto da buquinagem”, que igualmente aparece na segunda edição de *Viola de bolso*, lançada em 1955:

Buquinemos, amiga, neste sebo.
A vela, ao se apagar, é sebo apenas,
e quero a meia-luz. Amo as serenas
anexas do mar dos livros, onde bebo
– álcool mais absoluto – alheias penas
consolidadas na estrofe, e calmo, e gebo,
tiro da baixa estante sete avenas
em sete obras que pago e que recebo.
Amiga, buquinemos, pois é morta
Inês de antigos sonos, e conforta
no tempo de papel tramar de novo
nosso papel, velino, e nosso povo
é Lucrécio e Villon, velhos autores,
aos novos poetas muito superiores.⁷

A aproximação desse grupo de textos aponta, de uma parte, para a facilidade com que Drummond transita de um gênero para outro, no caso, da poesia para a crônica. De outra, para a reflexão do artista sobre o sistema literário, da produção à circulação, com ênfase nessa última, ao referir-se a seus elementos fundamentais, a saber, o editor, o livreiro e o consumidor, mediados por um objeto, o livro, esta “*frágil estrutura transparente*”.

Dentre essas figuras, a do criador é a de desenho mais pálido, sendo apresentada não em primeira pessoa, mas em terceira, na crônica dedicada à livraria e editora de José Olympio. Descreve-a no

⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Soneto da buquinagem”. In: _____. *Viola de bolso novamente encordoada*. p.27. Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. “Soneto da buquinagem”. In: _____. *Viola de bolso 1. Poesia completa*. p. 318.

papel de indivíduo institucionalizado que vai em busca dos pares para compartilhar os problemas decorrentes de sua condição de artista.

A primeira pessoa é reservada para o sujeito lírico referir-se às pessoas a quem se liga por laços de amizade – o “*meu caro José Olympio*” e o “*meu amigo Carlos Ribeiro*” dos poemas dedicados a esses dois homens das letras – ou de amor, como a “*amiga*” do soneto redigido em linguagem arcaizante, dada a adoção do estilo arcádico de, por exemplo, um Cláudio Manuel da Costa.

Nesse soneto, o ato de “buquinar”, isto é, de procurar livros numa loja de livros usados, tem pendor erótico, que parece provir da relação entre o sujeito lírico que se dirige a uma destinatária mulher, mas que se associa ao gesto de tocar nos livros, avaliá-los e adquiri-los. A eleição da forma arcaizante se justifica: a conclusão do último terceto é a de o velino é preferível ao papel, e Lucrécio e Villon, “*velhos autores*”, superam os “*novos poetas*”, razão por que é melhor escolhê-los, ainda que suas obras sejam encontráveis apenas no comércio de segunda mão.

Fala aqui, pois, o leitor Drummond, consciente, por sua vez, de que, de sua preferência estética, nasce a poética dos versos: assim como o papel, no novo tramado, converte-se em pergaminho, a eleição do bucolismo arcádico e do classicismo leva-o à elaboração de um soneto digno do século XVIII em língua portuguesa.

A referência ao suporte do poema – o velino dos antigos em contraposição ao papel dos modernos – aproxima as estrofes do “Soneto da buquinagem” aos versos dedicados a José Olympio. Nesses, o sujeito lírico pergunta pela natureza do livro, chamando atenção, de imediato, para sua “coisidade”, materialidade que não impede a fragilidade, a estruturação e a transparência. E que, brotando da madeira, sintoma da materialidade que declarou antes, é capaz de conter, ambigualmente, tanto “*palavras apenas*”, quanto a “*nua exposição de uma alma confidente*”.

A passagem do lenho à obra de arte, por sua vez, depende da ação de outro objeto material – a prensa, cujo “*nobre instinto*” faculta o emergir de um ser capaz de não apenas viver “*junto a nós*”, sentir “*o que eu sinto*”, como também, e principalmente, clarear “*o mundo em toda a parte*”.

Porque deseja homenagear seu principal editor até aquele período de sua vida, José Olympio, que, desde os anos 40 até, pelo menos, a segunda metade dos anos 50, quando *Viola de bolso novamente encordada* estava sendo republicada, patrocinava a impressão de seus textos, Carlos Drummond de Andrade obriga-se a mudar o foco relativamente ao processo de explicitação do teor artístico da obra literária. Esse corresponde à capacidade que a obra tem de “*clarear o mundo*”, provavelmente porque, em vez de “*palavras apenas*”, ela desvela o que se passa no interior da alma capaz de se mostrar autêntica e sincera. Mas o fenômeno se cristaliza num ser, que é o livro, porque a “*prensa*”, pela qual se responsabiliza o editor, no caso José Olympio, pode dar vazão, por força de um “*nobre instinto*”, àquela capacidade.

A “*prensa*” aparece aqui como metonímia, representando o impressor que elegeu livros dignos de permanecerem no tempo. Portanto, Drummond transfere do autor ao editor a habilidade de comunicar o sentido mágico da obra literária, registrada por cada livro. Este objeto – “*coisa*”, no primeiro verso – transforma-se numa identidade auto-suficiente que traduz a trajetória sobre a qual se manifesta o poeta: é o livro, que, ao longo do tempo, lembra “*o que a vida de um homem pode ser / quando ele sabe amar e compreender*”, correspondendo o pronome (“*ele*”), presente no último verso, não ao artista, mas ao *publisher*, visionário por causa de seu “*sonho no passado*” e gratificado, por ter permitido o aparecimento de obras que o perpetuam.

Drummond centraliza no livro o processo literário, fruto de uma “*alma confidente*” exposta ao mundo, a quem clareia, por força do poder instintivo da “*prensa*”. Por causa da valorização conferida àquele objeto, matéria da busca do sujeito lírico no “*Soneto da buquinagem*”, ele parece achar que a melhor maneira de homenagear Carlos Ribeiro seja compará-lo a um livro, “*um delicado e nobre tomo*”, com frontispício, página de rosto sem manchas, prefácio de Pope ou Horácio, capítulos com títulos esperançosos, obediência às “*regras da arte*”, obra bem colocada entre uma edição “*princeps*” de Camilo e um tratado de Comte.

A Carlos Ribeiro, na acepção de Drummond, poder-se-ia atribuir a capacidade apontada por Luís de Camões, segundo a qual

“*transforma-se o amador na coisa amada*”. O livro converte-se em alegoria do sujeito, representando, ele mesmo, o que se espera do universo de sua livraria. Na passagem, garante-se o exercício da função do buquinista, a saber, a preservação do trabalho artístico e a interrupção do processo de degradação a que estão sujeitas as coisas, sobretudo um livro, por natureza um ser “*frágil*” e transitório.

Entende-se por que Drummond destaca dois tipos de livreiro: o primeiro é o editor que investe em autores desconhecidos, arriscando o capital em novatos que, no início de suas carreiras, só se sentem parte do sistema literário no ambiente em que são lançados. Assim, José Olympio promove escritores ainda fora do mercado, garantindo ao mesmo tempo sua confiança, ao instalá-los num espaço em que não será questionada sua identidade profissional enquanto membros do sistema literário. Pela mesma razão, não adota a lógica desumanizada do capitalismo; pelo contrário, é companheiro de seus editados, interessando-se por suas vidas e fazendo-os parte de seu mundo empresarial. O segundo é o comerciante que acolhe o livro depois que ele fez seu percurso original no mercado, institucionalizando-se ou não, valorizando-se ou não, deteriorando-se ou não. Graças a ele, verifica-se uma espécie de “*segundo turno*” da vida literária, com suas regras peculiares: os antigos valem mais que os modernos, os raros, mais que os numerosos, os usados, mais que os novos.

Um pendor arcaizante parece descer sobre o mundo dos livros, escapando à lógica capitalista. Mas a impressão é ilusória, ainda que fortemente instalada na linguagem de propensão envelhecida, dando conta de um espaço obsoleto, iluminado por velas e simbolizado pela posição adotada pelo poeta, encurvado e corcunda por querer ter acesso às prateleiras de baixo, mas ritualmente inclinado, em reverência à tradição. Igualmente nesse caso, o livro carrega um valor, associado a seu peso na história econômica, em virtude de sua raridade e lugar no cânone artístico.

Os dois modelos de livreiro respondem a necessidades diferentes do sistema das artes, na concepção drummondiana: o inovador revoluciona a produção, prestigiando novos, cujos produtos aparecem sob embalagem igualmente original e desconhecida, como as que José Olympio propõe, caracterizadas por sua diferença e elegância,

“*formato padronizado, capa desenhada por Santa Rosa*”; o alfarrabista resguarda o passado, tempo que deverá acolher os inovadores, se o projeto revolucionário desses for bem sucedido. Assim, o primeiro alimenta o segundo, mas esse não é menos imprescindível, assegurando o fio da história onde ele ameaça romper-se.

A perspectiva materialista com que Drummond compreende o sistema literário incide numa concepção sobre a história da literatura. Daquela perspectiva decorre uma visão do livro como objeto e ser que sumaria o processo, reunindo, na sua ainda que frágil coisidade, autor e editor, criador e comerciante, artista e leitor, linguagem e público. O livro constitui, por causa disso, ponto de chegada e, simultaneamente, de difusão, pois, dele, se irradiam as possibilidades de inovação e preservação, desde que levadas adiante por determinados sujeitos.

A discriminação desses sujeitos constitui o achado original de Drummond: ciente de que o livro, objeto material, é igualmente mercadoria, destaca o papel difusor dos comerciantes. Assim, não valoriza críticos literários, leitores individuais ou o público anônimo, e sim o livreiro, extensão ou complemento do impressor. Compete a esse indivíduo afirmar a vida – ou a sobrevivida – da literatura, razão por que explicita qual sua função e como ela é desempenhada.

É certo que Drummond não privilegia o lado mercantil do processo; pelo contrário, não deixa de sublinhar que José Olympio ia além das relações profissionais; e que Carlos Ribeiro cultivava uma espécie de universidade informal, afirmações ambas de que os empresários e capitalistas não se deixavam levar pela tendência à reificação própria à atividade econômica de que faziam parte. Nem por isso, porém, Drummond é menos esclarecedor e realista: a continuidade e permanência do mundo literário não decorre da ação de intermediários situados fora do contexto mercantil, ação levada a cabo seja por acadêmicos, professores e intelectuais vinculados à crítica literária, e sim da atividade de sujeitos pragmáticos, mas não menos sensíveis, os impressores e livreiros homenageados em versos cantados pela *Viola de bolso novamente encordada*.

Os textos aqui postos em relevo não constituem os únicos em que Carlos Drummond de Andrade aborda o sistema literário para

além do par autor-texto, matéria essa igualmente de vários de seus poemas metalingüísticos, a começar pelo mais conhecidos deles, “Procura da poesia”, que abre *A rosa do povo*. Nem são eles os únicos em que figuras como livreiros protagonizam os versos, pois, em “Biblioteca em Ipanema”,⁸ menciona-se outra vez Carlos Ribeiro.

Eles, contudo, se destacam por, como se observou, aparecerem quase simultaneamente na lírica e na crônica, indicando a atenção do poeta, naquele período de sua vida, para com o espaço econômico e de investimento financeiro a que se relacionava. Também por compartilharem a preocupação do escritor para com o tempo, não sob o ângulo da experiência da atualidade, tema que atravessa as obras publicadas na década de 40, como *Sentimento do mundo*, *José* e *A rosa do povo*, por exemplo, mas sob a ótica da história, encarada como possibilidade de permanência de um tipo de produção, a literária.

Ao se posicionar perante essas questões, Carlos Drummond não contradisse sua trajetória intelectual, assumindo posicionamento materialista e lúcido diante das inserções da poesia no sistema econômico dominado pelo capitalismo. Mas foi capaz, num grupo constituído tão-somente de três poemas e duas crônicas, de dar conta de um universo, o da literatura e seus processos de produção, circulação e difusão. Não é pouco, para quem lidou apenas com uma “*frágil estrutura transparente*”.

⁸ Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. “Biblioteca em Ipanema”. In: _____. *Viola de bolso* [II]. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2002. p.392-393.

SAUDAÇÃO

ou

De como o autor, ao folhear, sobre a mesa do editor José Olympio, num álbum de recortes, muito se surpreendeu ao encontrar aí seus miúdos escritos, protegidos da consunção do tempo, e como que beneficiados por via dos afetuosos cuidados de Plínio Doyle

Ó canhestras e vagas croniquetas
quem vos salvou da poeira das gazetas?
Cada manhã, da minha maquininha
feis saindo, em vôo de andorinha,
e errando ao sol e à chuva, meio às tontas,
quem vos punha reparo, em fim de contas?

Talvez algum caixeiro de quitanda
ou vendedor de velas para Umbanda,
a dissolver meu drummoniano orgulho,
vos convertia em material de embrulho.

Senão, dançarináveis pela praia
ou pela rua, nesta sorte ingaia
de papel atirado aos quatro ventos,
de que a chuva não lê os argumentos,
e o gari vai tangendo com a vassoura
como quem varre casca de cenoura.
Esquecidas, pisadas... Quando muito
(a rima é de Camões) o doce fruto
de meu labor ia dormir no arquivo
do jornal, semelhante a um morto-vivo.
Mas, surpresa: que vejo? Estais vestidas
de roupa de domingo, e tão garridas,
neste álbum passeias a graça nova
que não vos transmiti, graça que prova
não a força do autor (é bem mofina)
mas a inventiva, generosa, fina
simpatia de alguém. Saudai-o, crônicas:
É Plínio Doyle. Improvisai sinfônicas
orquestrações e gratos dós de peito
em honra desse mágico perfeito.⁹

⁹ Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. "Saudação". In: _____. *Viola de bolso* [II]. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2002. p. 368-9.

BIBLIOTECA EM IPANEMA

– Que gostosura: a Semana Ilustrada
do Agostini, não bem encadernada!
Esta aqui é a Minerva Brasileira
(tem mais sabor que a Revista Forense)
Olha aquela outra, colorida, puxa!
Lembra Bilac moço... Já sei: A Bruxa
E tudo que são letras brasileiras,
antigas, novas, ei-las bem fagueiras.
Vem Alencar, com suas Iracemas,
Peris, minas de prata e de poemas.
O Dr. Macedinho, o bom Manuel
Antônio... Raridades de papel
que se nelas acaso os olhos fito
é como se avistasse o Paula Brito.
As edições do bom-ladrão Garnier,
que nos sebos já hoje ninguém vê.
Pescarias no oceano verdadeiro
de Roberto Cunha e Carlos Ribeiro.
E agora, a jóia prima – que me diz
de tudo que recorda o velho Assis
em português, inglês (sânscrito? persa?),
doce concentração de luz dispersa,
a compor essa egrégia machadiana
que eu não sei arrolar numa semana?
Junta-se sábio amor à reverência,
no culto à Arte Maior em sua essência,
pois no glorioso nome de Machado
o mistério do verbo é celebrado
na casa hospitaleira de Ipanema,
lá onde Plínio Doyle tem por lema
servir às letras, mas sem que os postigos
se fechem nunca para seus amigos.¹⁰

¹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. "Biblioteca em Ipanema". In: _____. *Viola de bolso* [II]. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2002. p. 392-393.

LIVRARIA

Ao termo da espiral
que disfarça o caminho
com espadanas de fonte,
e ao peso do concreto
de vinte pavimentos,
a loja subterrânea
expõe os seus tesouros
como se os defendesse
de fomes apressadas.
Ao nível do tumulto
de rodas e de pés,
não se decifra a oculta
sinfonia de letras
e cores enlaçadas
no silêncio de livros
abertos em gravura.
Aquário de aquarelas,
mosaicos e bronzes,
nus,
arabescos de Klee,
piscina onde flutuam
sistemas e delírios
mansos de filósofos,
sentido e sem-sentido
das ciências e artes
de viver: a quem sabe
mergulhar numa página,
o trampolim se oferta.
A vida chega aqui
filtrada em pensamento
que não fere; no enlevo
tátil-visual de idéias
reveladas na trama
do papel e que afloram
aladamente dançam
quatro metros abaixo
do solo e das angústias
o seu balé de essências
para o leitor liberto.¹¹

¹¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. "Livraria". In: _____. *As impurezas do branco. Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2002. p. 776-777.